

PARA UMA SÍNTESE DOS JÊ DO SUL:

Igualdades, diferenças e dúvidas
para a etnografia, etno-história e arqueologia¹

Fabíola Andréa Silva
Francisco Silva Noelli²

As informações a respeito dos Jê do sul possuem conteúdo a realização de uma síntese que direcione linhas concentração das informações em dois campos. Kaingang e Xokleng, significativo e sistematizável para ser feito em termos monográficos.

Unindo dados arqueológicos, lingüísticos, etnográficos e etno-históricos, poderemos verificar o que foi reproduzido, mudado ou abandonado sincrônica e diacronicamente. Igualmente, será possível levantar dúvidas quanto a algumas informações isoladas na bibliografia.

O primeiro passo foi arrolar as referências bibliográficas, que ultrapassam a marca de 600 títulos. Embora tenhamos a disposição as listas específicas de Schaden (1944, 1949) e de Simonian (1973), as indispensáveis de Baldus (1954, 1968) e Hartmann (1984) e as arqueológicas de Prous (1979-1980); Prous & Ribeiro, 1985) procuramos unificá-las para facilitar o acesso. Poderemos informatizá-la e mantê-la anualmente atualizada, estreitando relações entre os interessados nos Jê do sul.

1 Apresentado na XIX Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, 1994.

2 Bolsistas Recém-Mestre FAPERGS. Pesquisadores associados ao Museu de Porto Alegre.

Nossa preocupação é agrupar e organizar todo esse conjunto de dados, pois temos interesse na perspectiva "etnoarqueológica" destes grupos, no Brasil meridional. Sem pretender criar um "monstro mecânico" (Oliveira F^o, 1987), cremos que a perspectiva proposta por Eduardo Viveiros de castro (1984-1985) poderá servir como referencial no estabelecimento de um diálogo que esteja além do confinamento monográfico, isto é, verificar aspectos comuns e divergentes dos Jê do sul, interdisciplinarmente.

Projetando a história dos Kaingang e Xokleng no conceito braudeliano de longa duração (Braudel, 1978) e na perspectiva lingüística que apresenta relacionamentos entre eles, podemos traçar a montagem de uma estrutura sintética das suas culturas. A lingüística oferece mais garantias de estabelecer relações entre grupos do que a Etnografia, pois a língua é "um fenômeno social, que constitui um objeto independente do observador, e para o qual se possuem longas séries estatísticas" (Lévi-Strauss, 1967:73). A arqueologia pode, retrospectivamente, contribuir em nível geral e específico na explicitação do que ocorreu na longa duração da história do Jê do sul.

Há uma produção científica a respeito de organização social, contatos e conflitos interétnicos, antropologia física, subsistência, arqueologia, história regional, mitologia, cultura material e lingüística, sendo que esta já traçou as bases para a árvore filo-genética dos Jê do sul. Atualmente, estão sendo elaborados mais trabalhos, com importantes reflexões e dados empíricos. O conteúdo desta produção pode ser considerado "desequilibrado", estando bem desenvolvido em algumas áreas, incipiente em outras e inexistentes para certos temas.

A relação "tardia" dos Jê do sul com os europeus e, depois, com os brasileiros, somada as dificuldades idiomáticas, influenciou no caráter fragmentário das informações, bem como na "pequena" bibliografia, se tivermos como contraponto a imensa massa de dados sobre os Tupi. Isso nos remete a questão metodológica e à criação de um caminho (episteme) que nos propicie um aproveitamento crítico e completo das fontes. Neste sentido há alguns avanços que devem se mencionados, como por exemplo, da arqueologia.

A união explícita da arqueologia com a etnografia, etno-história e lingüística, é chamada de etnoarqueologia e desde os anos 70 gera resultados cada vez mais consistentes. Para interpretar seus dados, o arqueólogo utiliza-se da analogia para suas interpretações. Seu princípio é a comparação entre contextos arqueológicos e etnográficos com obje-

tivo de construir modelos interpretativos para apreender as relações, ocorridas na pré-história, entre cultura material e comportamento sócio-cultural.

Segundo Chang (1967:229), a analogia pode ser geral quando comparamos padrões comuns, observáveis em grupos culturais distantes temporal e/ou espacialmente. Por outro lado, pode ser uma analogia histórica direta quando há continuidade entre grupos pré-históricos e seus descendentes historicamente conhecidos.

No caso Kaingang a analogia histórica direta é pertinente, existindo indicadores que atestam a continuidade entre pré-história e história. Entre as variáveis que demonstram esta continuidade, podemos destacar a cerâmica nos sítios do planalto e litoral, similar as descritas etnograficamente (p. ex.: Miller Jr., 1978).

No caso Xokleng, da mesma maneira, as vasilhas cerâmicas de coleções etnográficas ou historicamente descritas, assemelham-se àquelas encontradas em sítios da tradição arqueológica Itararé (com. pessoal de Rodrigo Lavina, 1994).

Através da analogia poderemos detectar transformações, causadas por fatores endógenos ou exógenos aos grupos. Por exemplo, entre os Kaingang, poderemos tentar entender quais as razões que os levaram a abandonar suas casas subterrâneas: Contatos com a sociedade brasileira? Diminuição dos seus territórios? Desestruturação da sua organização social? etc. E, entre os Xokleng, o abandono do seu padrão de subsistência, inviabilizado pela expansão da sociedade brasileira, etc.

As inúmeras dúvidas que persistem poderão vir a direcionar novas pesquisas e abordagens. Mais do que nunca a interdisciplinaridade se faz necessária para entender as sutilezas de processos e acontecimentos pré-históricos, históricos e etnográficos difíceis de serem captados e, até, compreendidos, tais como a informação, separação e continuidade cultural dos Xokleng e Kaingang, desde a pré-história.

Nesta questão, a lingüística foi a única ciência que esclareceu ligações entre Kaingang e Xokleng, concluindo que "estas duas línguas se separaram há muito tempo" (Wiesemann, 1978:215). Salzano e Sutton (1965) também trataram da questão, em termos biológicos, concluindo que havia diferenciações entre os Kaingang e Xokleng.

A arqueologia, com 182 títulos, tem tentado explicar este processo histórico e a ligação entre estes grupos, a partir do estabelecimento de tradições tecnológicas e suas correlações sócio-espaço-temporais. Porém, estas tradições pré-ceramistas Umbu e ceramistas (Itararé, Casa de

Pedra e Taquara), que a princípio, parecem bem definidas tornam-se ambíguas e intrincadas, na medida em que realizamos uma análise mais acurada das suas características. conseqüentemente, a ligação destas tradições (pré-ceramistas e ceramistas) com os grupos historicamente conhecidos torna-se mais complexa e dependente de detalhes, só obtidos com pesquisas interdisciplinares.

Em se tratando das pré-ceramistas, as variáveis utilizadas para defini-las, são por exemplo: características dos sítios: localização; indústria lítica, óssea e outras; conjunto de utensílios; padrão de subsistência e variações culturais locais (Kern, 1983). Todas estas pressupõem um estudo apurado, com ampla localização de sítios, escavações em superfícies amplas, análises tecnotipológicas e funcionais dos artefatos, análise de restos alimentares, etc. este trabalho está apenas começando, portanto, as informações sobre estes complexos culturais são ainda bastante incompletas (Cf. Kern, 1981, 1983, 1991; Kern [Org.] et al., 1991; Schmitz, 1988). Há dados referentes à existência de pré-ceramistas contemporâneos de ceramistas: tradição até 575 ± 80 anos antes do presente (fase Camuri) e tradição Humaitá até 1920 ± 50 A. P. (fase Cará) conforme Schmitz (1984:43.46). De acordo com estes indicadores, novas descobertas poderão reforçar e aproximar mais estas tradições.

Igualmente, os ceramistas foram preliminarmente classificados e divididos em 3 tradições (Taquara, Itararé e Casa de Pedra), baseadas, principalmente, nas variáveis da cerâmica: forma, técnica de produção e acabamento das superfícies. A manutenção destas 3 tradições, atualmente, é discutida sendo consideradas como uma só, ainda sem denominação, com diferenças resultantes de adaptações ambientais ao planalto, terras baixas circundantes tipos de sítios, como por exemplo, estruturas subterrâneas, galerias, abrigos sob rocha, sítios a céu aberto e sambaquis (Silva et. al., 1990:28; Schmitz, 1988:75; Brochado, 1984:13-136). As datas mais antigas chegam a 1800 A. P. no Rio Grande do Sul, com datas intermediárias em Santa Catarina e Paraná, com as recentes alcançando 260 anos atrás (Schmitz, 1988).

Além disso, como se demonstra na Etnografia, as variações nos estilos cerâmicos podem caracterizar tanto identidades culturais diferenciadas como, também, variações estilísticas no interior de uma mesma etnia (Hodder, 1986: 105-115; Crowley, 1971:318). E, por outro lado, as semelhanças não necessariamente implicam culturas indiferenciadas (Hodder, 1982:91).

É necessário, também, aprofundar e refletir a respeito da relação entre a arte rupestre do Brasil meridional e os grafismos dos grupos históricos (relacionados a organização social, metades, mitologia, rituais, etc.). Existem petroglifos em abrigos ocupados por grupos pré-ceramistas e, em estruturas subterrâneas e galerias habitadas por ceramistas (Cf. síntese de Schmitz, 1988).

Outro tema relevante diz respeito ao problema dos "vazios demográficos", que representa a falta de pesquisa e de comunicação entre arqueólogos e antropólogos (este contado poderia resultar na definição de áreas prioritárias onde se poderia efetivar *surveys* e mapear novos sítios). A arqueologia pode auxiliar no problema territorial dos Jê, organizando o conhecimento dos domínios territoriais dos grupos históricos e pré-históricos, mapeando e sobrepondo as instalações históricas e pré-históricas. Através da comparação entre contextos arqueológicos se sítios inseridos nas mesmas áreas dos históricos, poderemos ter marcadores eficientes de definição cultural. Estes podem tornar inteligíveis e detalhadas as movimentações e instalações humanas no Brasil meridional.

Defrontamo-nos com os problemas gerados pela rarefação de informações históricas do período colonial e do século XIX, restringindo nosso conhecimento a umas poucas áreas do Brasil meridional como o "sertão de Guarapuava", litoral catarinense, interior de São Paulo, norte do Rio Grande do Sul e mais algumas micro-regiões. Isto não quer dizer que as áreas "vazias" de informação, fossem efetivamente desocupadas.

Concomitantemente, é necessário realizar uma avaliação crítica de todas as fontes anteriores a 1882, para esclarecer definitivamente quem eram os "Botocudos", constantemente confundidos com os Kaingang pelas cronistas e, depois, pelos antropólogos. em partes do Brasil meridional, como no Paraná, por exemplo, grupos como os Xetá foram chamados de "Botocudos", por alguns semelhantes com os Jê no aspecto físico, na subsistência, etc.

A questão lingüística é outro problema a ser trabalhado. A partir da definição da antigüidade da separação dos Xokleng e Kaingang, pode-se procurar paralelos com questões arqueológicas de diferenciação cultural e de adaptação ambiental. Também podemos efetuar estudos de nomenclaturas: botânica, zoologia, artefatos, geografia, subsistência, etc. O emprego de vocabulários e estudos etno-taxonômicos têm se revelado meios importantes no resgate de aspectos da cultura tradicional (Cf. Noelli, 1993).

Porém, devemos ter um redobrado cuidado durante o estabelecimento de analogias, pois manifestações culturais podem ser mantidas ou transformadas ao longo do tempo, especialmente durante confrontos interétnicos. Aspectos como padrões de enterramento, subsistência, mitologia, organização social, territorialidade, etc.; podem mudar drasticamente (Roosevelt, 1989; Santos, 1987). Estes contatos ocorreram desde a pré-história, resultando numa complexidade que dificulta a *rotulação* de grupos culturais. Isto é um fato entre os Jê e seus ancestrais, pois desde as nomeações das tradições pré-históricas ao *Cabeludos*, *Chiquis*, *Boto-cudos*, *Gualachos*, etc., os pesquisadores têm dúvidas sobre quem é quem (quem é ancestral de quem).

Outro problema é a questão da antigüidade da agricultura entre os Jê do sul. Por um lado, é imprescindível a leitura detalhada de todas as fontes, cruzando criticamente todas as informações, principalmente as dos vocabulários. Por outro, de fato, somente com pesquisas arqueológicas é que se poderá definitivamente ter subsídios para este problema. Técnicas de resgate de vestígios biológicos foram desenvolvidas para reconhecer pequenos fragmentos vegetais e ósseos, determinando a quanto tempo e quais as espécies que teriam sido utilizadas na subsistência.

Estas questões, e outra mais, a serem colocadas pelos colegas, têm relação direta com a atualidade dos Jê do sul. Diversos problemas ligados a questões de demarcação territorial, ambientais, materiais e de subsistência, entre outros, que são atualmente difíceis de serem resolvidos pelos pesquisadores, podem ter amparo nas descobertas que a interdisciplinaridade pode realizar.

Ao mesmo tempo, o interesse manifesto de muitos Jê do sul em "reaprender" e reforçar sua identidade e tradição, pode ser respaldado pela etno-história, lingüística, etnografia e arqueologia. O ideal é a descoberta de uma maneira que propicie a transmissão mútua de conhecimentos, nesta inexorável história de contatos e de espaços que só após muito custo poderão mudar, por exemplo, com a devolução de mais terras e a erradicação de processos inviabilizadores desencadeados pela sociedade nacional.

O encaminhamento de uma síntese interdisciplinar pode ser um meio de estreitar o espaço entre os Jê e os não-Jê interessados na sobrevivência da sua cultura. Para estes Jê do sul, alguns dos resgates derivados da síntese poderão ser utilizados por suas comunidades em questões de autodeterminação. Pode-se oferecer resultados da pesquisa

acadêmica para que os Kaingang e Xokleng possam aumentar o "poder de fogo" em defesa dos seus interesses.

Portanto, esta proposta é uma tentativa de unir os interessados na [pesquisa e na autodeterminação e independência dos Jê do sul e dos povos indígenas em geral. Esperamos que todos, com seu interesse e sua especialização, possam unir esforços para conhecer com mais profundidade os Kaingang e Xokleng e auxiliá-los no prosseguimento da sua história.

Referências Bibliográficas

- BALDUS, Herbert *Bibliografia crítica e etnologia brasileira*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954. 859 p.
- . *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. Hannover: Kommissionsverlag Münstermann-Druck GMBH, 1968. v. 2, 864 p.
- BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais: a longa duração. In: Fernand Braudel. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 41-78.
- BROCHADO, José J. J. Proenza. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture Into Eastern South America*. Urbana-Chapaign, PhD Tesis. 1984. 574 p. (arqueologia e difusão cerâmica).
- CHANG, Kwang Chi. Major aspects of the interrelationship of archaeology and ethnology. *Current Anthropology*, 8(3):227-43, 1987.
- CROWLEY, Daniel J. An african aesthetic. In: JOPLING, Carol F., (ed.). *Art and aesthetics in primitive societies*. New York: E. P. Dutton, 1971. p. 315-27.
- HARTMANN, Tekla. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. Berlin: dietrich Reimer Verlag, 1984. 724 p.
- HODDER, Ian. *The Present Past*. New York: Pica Press, 1982.
- . *Reading the Past*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- KERN, Arno A. *Le pré-ceramique du plateau sud-bréilien*. Paris: École des Hautes Études n Sciences Sociales, 1981.
- . Variáveis para a definição e a caracterização das tradições pré-cerâmicas Humaitá e Umbu. *Revista do IFCH-UFRGS*, Porto Alegre, 11-12:205-15, 1983.
- . Les groupes préhistoriques de la région sud-brésilienne et les changement des paléo-milieux: une analyse diachronique. *Revista de Arqueologia Americana*, 4:89-139 jul.-dic., 1991.
- . Grupos pré-históricos de caçadores-coletores da floresta tropical. In: ———. (Org.) *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991, p. 135-66.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Linguagem e sociedade. In: ———. *Antropologia estrutural* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967. p. 71-83.
- MILLER Jr, Tom O. Tecnologia cerâmica dos Caingang Paulistas. *Arquivos do Museu Paraense*, nova série-etnologia. Curitiba, 2:3-51, 1978.

- NOELLI, Francisco s. *Sem Tekohá não há Tekó* (Em busca de um modelo etnoarqueológico da Subsistência e aldeia guarany aplicados a uma área de domínio no Delta do Jacuí-RS). Porto Alegre, PUCRS, 1993.
- OLIVEIRA Filho, João C. P. Os atalhos da magia: reflexões sobre o relato dos naturalistas viajantes. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Antropologia, Belém, 3(2):155-188, 1987.
- PROUS, André. Bibliografia da arqueologia brasileira. (primeira parte). *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte, 4-5:11-183, 1979-1980.
- , RIBEIRO, Heliane A. D. Arqueologia brasileira: bibliografia geral – II. *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte: 10:46-169, 1985.
- ROOSEVELT, Anna C. Natural resource management in Amazonia before the conquest: Beyond ethnography projection. In: POSEY, Darrel, BALÉE, William (EDs.). *Natural resource management by folk indians societies in Amazonia*. Advances in Economic Botany, New York, 7:30-62, New York Botanical Garden, 1989.
- SALZANO, Francisco M., SUTTON, H eldon. Haptoglobin and transferrin types of indians from Santa Catarina, Brazil. *American Journal of Human Genetics*, Chicago, 17(3):280-289. 1965.
- SANTOS, Sílvia Coelho dos. *Índios e brancos no Sul do Brasil. A dramática experiência dos Xokleng*. Porto Alegre: Movimento/INL, 1987. 313 p.
- SCHADEN, Francisco S. Apontamentos bibliográficos para o estudo dos índios Kaingang. *Boletim Bibliográfico*, São Paulo, 2:23-32, 1944.
- . Apontamentos bibliográficos para o estudo dos índios Xokleng. *Boletim Bibliográfico*, São Paulo, 12:11-119, 1949.
- SCHMITZ, Pedro I. *Caçadores e coletores da pré-história brasileira*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1984.
- . As tradições ceramistas do planalto sul-brasileiro. *Arqueologia do Rio Grande do Sul*. Documentos, São Leopoldo, 02:74-130, 1988. (*Síntese dos resultados arqueológicos*)
- SILVA, Sérgio B., SHMITZ, Pedro I, ROGGE, Jairo H., NADAL DE MASI, Marco, JACOBUS, André. Escavações arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S. J. O sítio arqueológico da praia da Tapera: um assentamento Itararé e Tupiguarani. *Pesquisas*, Antropologia, São Leopoldo, 45:1-210, IAP, 1990.
- SIMONIAN, Ligia T. L. *Levantamento bibliográfico sobre os índios Kaingang*. Florianópolis: Museu de Antropologia-UFSC, 1973. 27 p. (datilografado).
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. Propostas para um encontro – II Encontro Tupi. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 27-28:403-407, 1984-1985.
- WISEMANN, Ursula. Os dialetos da língua Kaingang e Xokleng. *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, Rio de Janeiro, 3:197-217, 1978.